

Nuno Jennings Tasso de Sousa¹

Edifício da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O conceito e a forma.

R E S U M O

Após um breve apontamento sobre as origens da FLUP e do Pólo 3 da Universidade, faz-se uma descrição da área onde se veio a implantar a actual Faculdade de Letras, assim como das linhas programáticas apresentadas para o novo edifício. Em seguida, são apresentados os critérios que acompanharam o desenvolvimento do projecto. Finalmente, dá-se ainda conta das vicissitudes do processo, que limitaram o trabalho do arquitecto e condicionaram irremediavelmente a relação do imóvel com os restantes edifícios académicos. Um campus universitário que deveria ser atractivo, propício à reflexão e fomentador do diálogo entre as diversas áreas do saber aí implantadas, acabou por se tornar confuso, polarizador e enredado numa malha rodoviária de consequências dramáticas e praticamente irreversíveis.

A B S T R A C T

After a small note concerning the past of the Humanities Faculty of Porto University, follows a description of the area where the actual building is situated and the main features of the program. Then, are presented the concepts that underlie through the design procedures. Finally, are accounted several events that interfered in the development of the project and irremediably damaged the relationship with the other faculties located nearby. This campus that was meant to be appealing, favourable to meditation and to encourage exchange of information between the various lines of knowledge, became all mixed-up, self centred and entangled in a vast road junction, with almost irreversible dramatic results.

1. Antecedentes

A Faculdade de Letras do Porto, inicialmente designada por Escola do Ensino Superior para as Humanidades e Ciências Sociais, foi criada pelo Decreto n.º 5770, de 1919². Veio a ser extinta em 1928, pelo Decreto n.º 15365³, já como Faculdade de Letras da Universidade do Porto, retomando a sua actividade 33 anos depois, por meio do Decreto n.º 45864⁴. No diploma que recria o estudo superior de Letras foram-lhe atribuídas as «licenciaturas em História, em Filosofia e ainda o curso de Ciências de Ciências Pedagógicas». Progressivamente, foram-se alargando os *curricula* relativos aos cursos actualmente ministrados nesta instituição.

Sendo certo que o processo fundacional se caracterizou por ser agitado e controverso, não menos o foi no respeitante aos espaços que sucessivamente ocupou, até vir a dispor de instalações definitivas. Na verdade passou por vários edifícios que foram utilizados a título precário.

Tendo a Faculdade de Letras manifestado, de forma clara, o seu desagrado perante a eventualidade de se localizar no Campus Universitário da Asprela, na freguesia de Paranhos – tal como previsto no Plano Director da Cidade do Porto, da autoria de Robert Auzelle, aprovado em 1962 – foi necessário aguardar pela reforma das instalações da Universidade do Porto, promovida pelo seu Reitor, Professor Armando Campos e Matos.

¹ Arquitecto, autor do projecto da FLUP.

² Diário do Governo, n.º 98, 140 suplemento, I Série, de 10 de Maio.

³ Diário do Governo, n.º 85, I Série, de 14 de Abril.

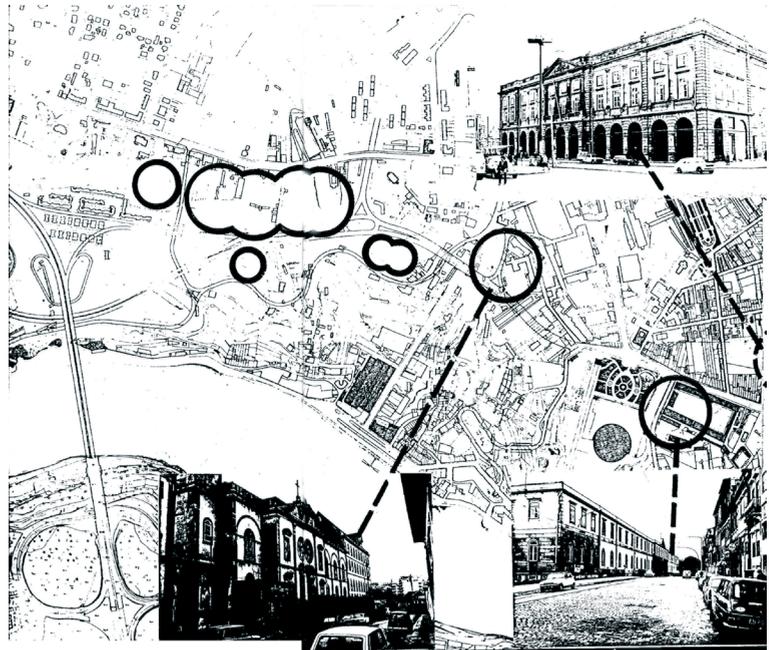
⁴ Diário do Governo, n.º 190, I Série, de 17 de Agosto de 1961.

Expressando a vontade das várias Faculdades que não aceitavam a sua deslocalização para o chamado Pólo 2, foi acordado com o Governo e a CMP, a criação de três Pólos universitários, permanecendo algumas das Faculdades na área histórica da cidade, as quais passaram a constituir, Pólo 1. Outras deslocaram-se para um núcleo relativamente próximo, o Pólo 3, cujo Plano Geral foi iniciado em 1980, a abranger a área compreendida entre a Rua do Campo Alegre e a Ponte da Arrábida, já ocupada pelo nó de acesso da ponte ao centro da cidade.

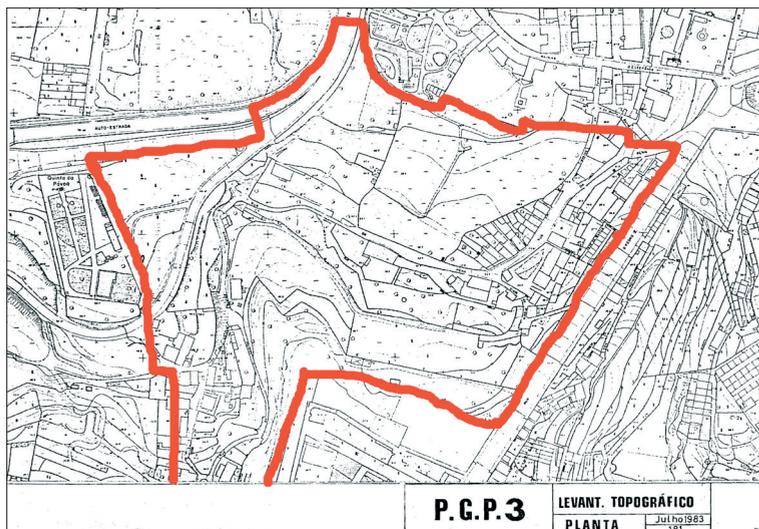
Tudo decorria num momento em que se avaliavam os aspectos negativos decorrentes da deslocação das universidades para zonas suburbanas, inclusive quando o seu regresso aos núcleos históricos já estava a ser posto em prática em algumas cidades da Europa, que apostavam na renovação dos centros urbanos. Por isso, foi feita de imediato uma tentativa para desenvolver um eixo “universitário”, de orientação nascente poente, com início na Praça Gomes Teixeira e final no Jardim Botânico, instalado na antiga casa Andersen, em frente à Rua António Cardoso (Imagem 1). A própria Faculdade de Letras já tinha ocupado diversos edifícios ao longo daquele percurso (antiga Faculdade de Medicina, Seminário de Vilar e Complexo Pedagógico na Casa Burmester)

Embora o PDM de 1962 já previsse uma ligação da VCI à Rua D. Manuel II, o novo estudo baseava-se numa alternativa promovida posteriormente pela Direcção Regional de Urbanização do Norte, do Ministério das Obras Públicas. Ele tinha por objectivo a realização de uma via de entrada na cidade, com início no topo norte da Ponte e chegada à Praça da Galiza, o que daria lugar à expansão da malha urbana desde a Rua D. Pedro V até à Via de Cintura Interna, integrando todo um território “esventrado” pelos diversos lacetes que ainda compõem o nó (Imagem 2).

Face a interesses instalados e a compromissos já difíceis de alterar, foi gorada essa hipótese. Como consequência, os espaços a ocupar remeteram-se para as áreas residuais,



1.
Distribuição de edifícios universitários ao longo do traçado viário previsto no Plano Auzelle conforme o estudo preliminar do plano geral do Pólo 3



2. Área de expansão do Pólo 3

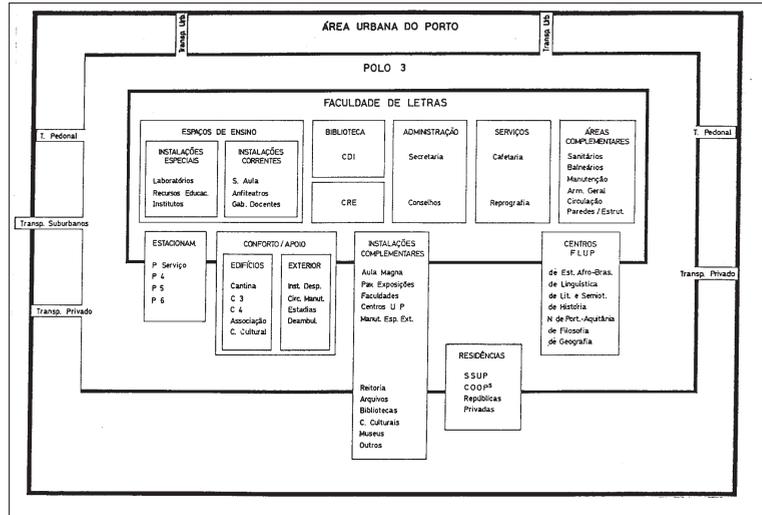
LICENCIATURAS	ESPAÇOS					
	AULAS			LABS		ANFS
	S 15	S 30	S 60	L 10	L 15	A120
LÍNGUAS E LITERATURAS	48	422	38	*		68
HISTÓRIA		66	8		*	
HISTÓRIA DE ARTE	52	36			*	
ARQUEOLOGIA	72	22			*	
FILOSOFIA	36	90	26			8
GEOGRAFIA	116	20	18		*	
SOCIOLOGIA	24	68			*	
Total hora/semana	428	724	98	40	200	100
Nº DE SALAS = $\frac{\text{total h/sem.}}{40 \text{ h}} \times 1,2$	7	22	3	1	5	3

COEFICIENTE DE OCUPAÇÃO = $\frac{22 \times 2000}{55600} = 0,79 = 80\%$

3. Quadro constante do Programa para a nova Faculdade de Letras

isoladas umas das outras pelo traçado das vias de sentido único, destinadas exclusivamente a tráfego motorizado, sem que daí resultasse uma superfície suficientemente dimensionada para acolher, entre outras, as novas instalações da Faculdade de Letras.

As inúmeras dificuldades levantadas para situar o futuro edifício não foram suficientes para demover a firme determinação do Vice-Reitor, Professor Horácio Maia e Costa, em encontrar um local com as condições adequadas. Uma vez consideradas várias hipóteses, entre as quais figurava agora a Quinta de Serralves, e ultrapassados obstáculos de vária ordem, foi possível aprovar o alargamento ou “Expansão do Polo 3”, para nascente (Imagem 3).



4.
Quadro de inter-relacionamento de espaços, nos termos do Programa

O vasto terreno que veio a ocupar, delimitado, em grande parte, pela Rua da Pena e pelo lanço final da Via Panorâmica junto à Rua do Gólgota, também foi objecto de um Plano de Pormenor iniciado em 1983.

No âmbito do reajustamento do Plano Geral, foi previsto que construção a implantar neste novo sector teria uma capacidade de 3.500 alunos e ocuparia aproximadamente uma área coberta de 14.000 metros quadrados, restando ainda um espaço livre, suficiente para permitir uma expansão equivalente a 50% da superfície inicialmente calculada.

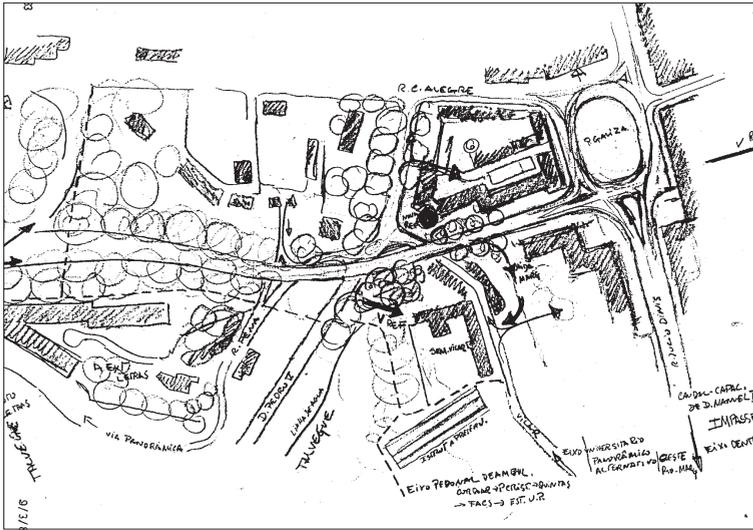
2. O programa

Estabelecida a sua localização e reajustado o Plano, foram elaboradas – colegialmente pelos representantes dos diversos departamentos da Faculdade de Letras – as premissas que sustentaram o programa para as novas instalações (Imagem 4). Para efeito do dimensionamento prévio do edifício, tendo em conta aqueles pressupostos, foi utilizado um método de gestão de espaços recentemente aplicado no Reino Unido, em circunstâncias similares. Assim, foram considerados diversos factores, a saber: o processo de ensino então praticado, o magistral; os currícula de cada área disciplinar; o número de alunos e respectivos tempos de ocupação; o acervo documental; o elenco de docentes; o pessoal administrativo e auxiliar; as tipologias dos espaços; o uso previsto para cada um e o equipamento necessário (Imagem 5).

No Programa Base apresentado na fase inicial do projecto, com data de 1986.12.20, encontra-se sistematizada toda a informação anteriormente proposta por aquele grupo de trabalho, assim como o inter-relacionamento dos espaços e o respectivo dimensionamento. O referido documento, assente nos dados recebidos pelo projectista, através do colégio de representantes da Faculdade, foi submetido à Reitoria, o qual mereceu a aprovação após consultada aquela instituição.

3. Referências

Havendo já uma localização pré-determinada, com um contexto específico (natural e humanizado), faz parte daquele mesmo documento uma reflexão sobre as características históricas,



5. Esboço da alternativa de traçado entre a Ponte da Arrábida e a Praça da Galiza

morfológicas e ambientais do lugar. Evidenciam essa preocupação as citações textuais extraídas da «Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto»⁵ e da obra do romano Vitruvius⁶.

Do primeiro, e em relação às características ambientais recordamos: «Enfim, se o clima desta cidade não é o mais sadio de todo o reino ele não é dos mais perniciosos, se assim não fosse não se multiplicariam nas suas vizinhanças as muitas e belas quintas que a rodeiam e fazem um paraíso delicioso, ou Primavera contínua... Muitas destas quintas dilatam-se por Massarelos, Vilar e Cedofeita. Raríssima haverá da qual não se goze vista do rio e mar»⁷.

Já do segundo extraiu-se uma associação entre o símbolo da sabedoria, a deusa Minerva, a Atena dos gregos, e o modo de implantar os templos a ela dedicados, neste caso simbolicamente figurado pela Faculdade, em especial pela sua biblioteca, que se entende como um dos núcleos geradores da modelação dos espaços do edifício. Tratar-se-á de uma celebração do espírito do lugar, em que, para além dos seus atributos naturais, as humanidades são evocadas através da simbologia da antiguidade clássica, onde se defende – de acordo com Vitruvius – que «os templos de... e Minerva devem implantar-se no ponto mais alto dominando visualmente a maior parte da cidade»⁸.

Deste quadro de referências e de um certo encantamento do lugar, faz parte o ambiente cromático e a luminosidade própria da orla do extenso vale que vai abrir-se, a jusante, sobre o oceano onde o rio desagua. Ali são frequentes os tons cinza proporcionados pelas brumas espessas que se confundem, alternadamente, com os rosados da aurora ou do ocaso, desvanecendo-se ao longo do dia para os azuis do firmamento e os dourados da luz solar, próprias destas paragens, aspectos que podemos encontrar inúmeras vezes registados na obra do mestre Júlio Resende.

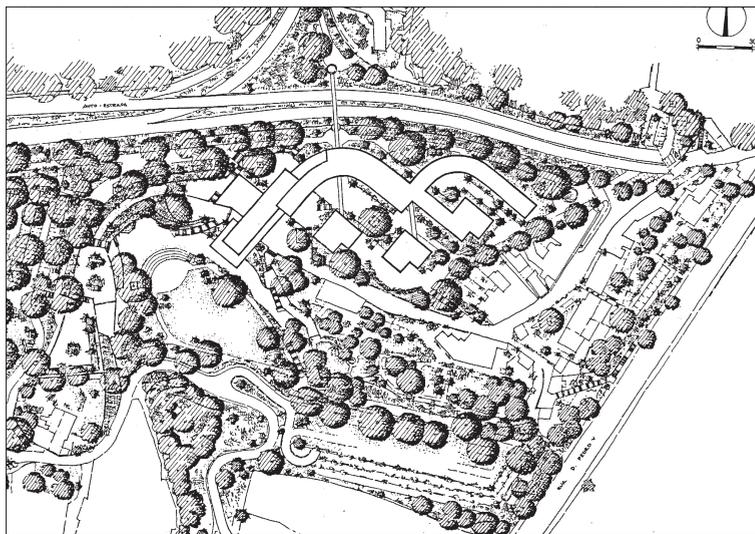
⁵ Agostinho Rebelo da Costa, *Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto* (2ª ed., Gaia: Edições Progredior, 1945).

⁶ Marcus Vitruvius Pollio, *The Ten Books on Architecture* (New York: Dover Publications, s/ d.).

⁷ Agostinho Rebelo da Costa, *ob.cit.*

⁸ Marcus Vitruvius Pollio, *ob. cit.*

6.
Proposta final de
implantação da
Faculdade de Letras



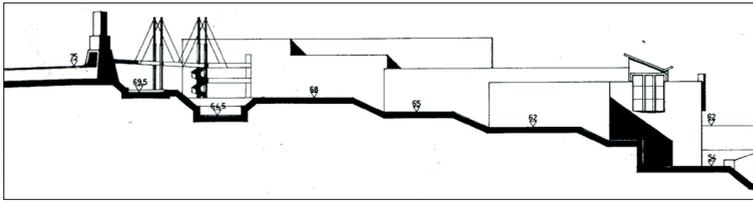
4. Ocupação do solo

O facto de o terreno se situar sobre limite sudeste da plataforma que se estende desde a Boavista até ao Campo Alegre, encaixado entre os festos da Pena e do Gólgota, mesmo sobre o início da encosta sobranceira à margem norte do Rio Douro, confere-lhe uma morfologia peculiar. Daí resulta, entre outros aspectos, uma transição quanto ao modo de ocupação do solo, que se pauta na direcção norte por uma grande densidade de malha edificada e por extensos alinhamentos à face dos traçados viários. Pelo contrário, na encosta, a sul, a fixação é dispersa e quase aleatória, apesar desta se encontrar em processo de alteração, graças aos empreendimentos que ali presentemente se vão erguendo. Deste enquadramento ressalta uma variação das amplitudes do campo visual, ou seja, na direcção do rio ele é vasto ou profundo, enquanto para o lado oposto se torna mais contido ou confinado. São factores que contribuíram para sugerir uma modelação diferenciada das massas volumétricas, conforme se expõem ao observador e se relacionam com o desenho urbano próximo. Naquele momento, também se associou a remota possibilidade de estabelecer uma ligação franca na direcção da Praça da Galiza (Imagem 6).

5. A modelação e o programa

A noção clara desta complexidade de circunstâncias, inerentes ao local e ao programa, traduziu-se no processo de materialização dos espaços livres e edificados, o qual se configurou do seguinte modo:

- sobre a encosta, distribuem-se sucessivamente várias torres, sobressaindo a da biblioteca, as quais abrem sobre o pequeno vale do Gólgota, destacando-se de um extenso corpo predominantemente horizontal, a abraçar aquele conjunto e a demarcar o vasto corredor cujo alinhamento previsto se integraria na restante malha urbana, a estender-se na direcção da Boavista e da Praça da Galiza (Imagem 7);
- os diversos volumes interligam-se, a vários níveis, por galerias entreabertas assentes em plataformas desniveladas segundo as pendentes, delimitando conjuntamente pátios, com geometrias e superfícies diferenciadas, de onde se adivinha o vale adjacente;

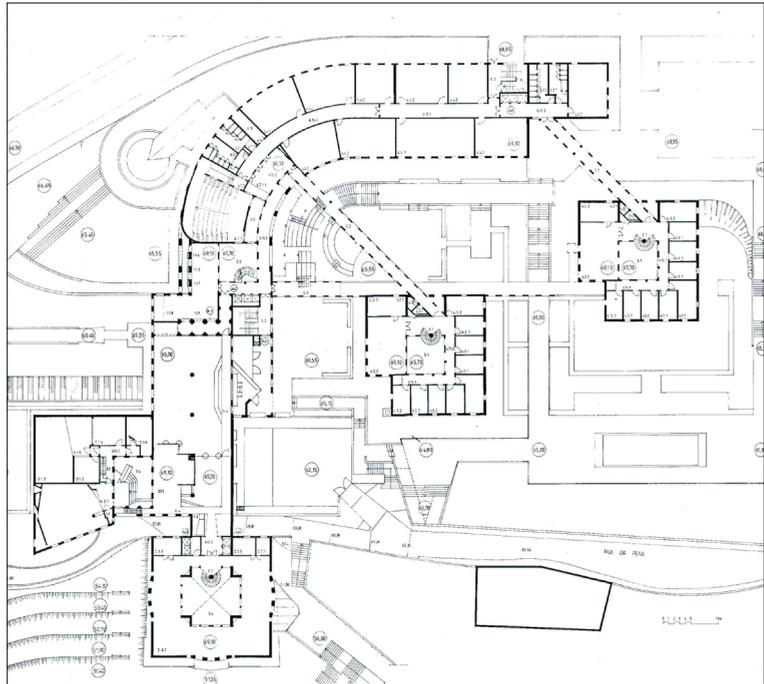


7.
Perfil do acesso
pedonal, em viaduto,
sobre a via alternativa
proposta

- a constante alternância entre os espaços livres e construídos, que seria acentuada por um notável arranjo paisagístico não concretizado, apela à percepção do lugar, tanto pelas suas vertentes naturais, como pelas humanizadas;
- graças às tonalidades naturais empregues no revestimento exterior e interior, ora de predominância ocre, ora de óxido de ferro ou ainda de cinza, esta última bem presente na luz portuense, estabelece-se um dialogo com o contexto cromático, rico e delicado, próprio do vale do Rio Douro que neste trecho final se manifesta de modo inconstante, pleno de alternâncias surpreendentes;
- a coloração das superfícies edificadas, tanto exteriores como interiores, tem um envolvimento directo na modelação espacial, participando de modo activo na dinâmica cromática do meio. A aplicação da “lei de Albers”, torna-se aqui uma evidência, variando a presença e destaque dos diversos volumes de acordo com a tonalidade dominante do ambiente, compartilhando o protagonismo da definição formal com as sombras, próprias e projectadas;
- através do uso de mesclas de cores, padronizadas segundo geometria única, distribuídas sobre fundos dominantes, proporcionam-se índices de percepção cromática, variáveis conforme o grau de proximidade do observador;
- é bem patente a aplicação de princípios associados à formulação de séries numéricas diferenciadas, coexistindo por sobreposição, como é o caso da relação entre os padrões do revestimento dos paramentos opacos e as sequências de vãos ou da fenestração;
- no conjunto dos espaços não prevalece um ordenamento formal determinado pelas leis da perspectiva, onde impera o ponto de fuga e a linha de horizonte. As diagonais, as superfícies curvas e as demarcações de desenvolvimento vertical, tanto interiores como exteriores, contrariam-na regularmente num processo que a torna menos impositiva nas sequências visuais, sejam elas estáticas ou em movimento;
- através da representação altimétrica dos espaços, cortes e alçados, não é possível visualizar por inteiro as diferentes faces do conjunto, segundo as orientações convencionais, N-E-S-W, o que denota um processo de pesquisa onde é menos valorizado esse procedimento secular.

Tendo em atenção os inúmeros espaços vazios, os pátios interiores e exteriores, com pronunciado desenvolvimento vertical e transparência, apercebemo-nos de que eles emergem de um outro pressuposto conceptual, o de atestar, de modo insistente um sentido de comunidade e gregário à instituição, que oferece licenciaturas, mestrados e doutoramentos em diferentes áreas.

Efectivamente, a necessidade de distribuir os espaços lectivos por vários pisos e a diversidade curricular oferecida, quando encerrados em contextos estanques, iriam gerar o sucessivo isolamento de cada sector e pôr em causa o espírito de academia, além de desperdiçar a vantagem decorrente da interdisciplinaridade e da convivialidade que valorizam o âmbito



8.
Planta do piso que
abrange a totalidade
do novo edifício

conhecimento. Tal intenção constituiu uma oportunidade para abordar arquitectonicamente a questão “confuncionista”, vertida para um dos atributos formais mais determinantes na definição do espaço: a ambiguidade existente entre o vazio ou a sua materialidade envolvente (positivo versus negativo).

Saliente-se ainda o facto de, numa parte do edifício, ter sido suprimida a demarcação habitual entre cobertura e paramentos de fachada. Continuidade entretanto desaparecida, devido a um desvio grosseiro, quanto ao modo de construção previsto, o qual se traduziu em danos diversos, entre os quais os resultantes na expressão plástica do edifício, agora patenteando uma separação clara.

6. A acessibilidade

Constituindo a Via Panorâmica e a Rua do Campo Alegre os principais eixos de aproximação, conjuntamente com a Rua Gonçalo Sampaio, a entrada principal fica situada na vizinhança do seu ponto de encontro, embora desnivelada em relação à cota média daqueles arruamentos. Ela constitui uma alternativa àquela que foi prevista inicialmente no Plano Geral do Pólo 3. De facto, neste momento, faz sentido mencionar tal intenção, uma vez que integrava o edifício numa malha mais vasta apoiada em equipamentos comuns a todas as faculdades situadas neste Pólo e determinava aspectos de concepção e desenho dos quais a construção ficou amputada.

Previa-se um percurso nivelado até à Faculdade de Letras, com origem na RCA, junto do núcleo de equipamentos comuns de apoio a todas as faculdades ali sedeadas, onde convergiriam também os transportes colectivos, além de um tramo final, lançado em viaduto, sobre a via direccionada à Praça da Galiza (Imagem 8). O seu traçado, exclusivamente destinado



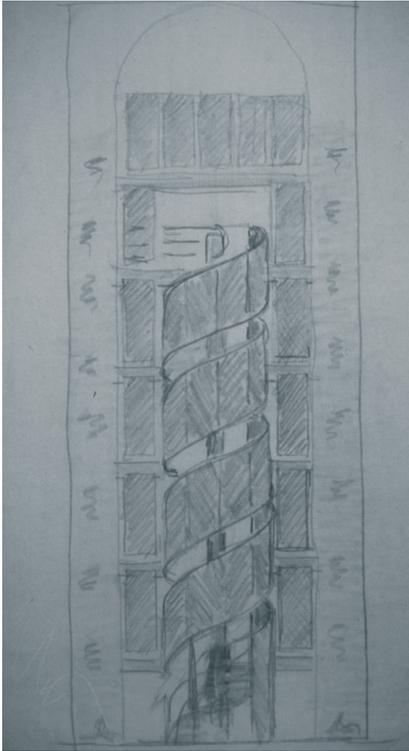
9.
Vista das galerias
que limitam o pátio
triangular

a peões, constituía uma radial do tramo curvo da construção que era por ele cruzado, para terminar na torre intermédia, sobranceira à Rua da Pena. Este acesso era acolhido no único nível que abrange a totalidade do edifício (Imagem 9). Perante a rejeição deste conceito integrador das várias instituições, ainda se avançou outra hipótese de aproximação àquela Faculdade, novamente em viaduto, agora a partir do cruzamento da Rua do Campo Alegre com a Rua Gonçalo Sampaio, a qual, por sua vez, se viu gorada perante a desistência de estabelecer a ligação à Praça da Galiza.

7. A interrelação espacial

Estão patentes na organização e distribuição dos espaços dos diversos sectores, tanto os níveis de proximidade preferencial definidos no programa, como a aplicação de um critério de permeabilidade de acessos, dirigido a visitantes e utilizadores, de acordo com os graus de privacidade e de segurança necessários ao desempenho eficaz das diversas actividades em causa (livre, condicionado e restrito). Isto sem prejudicarem o contexto conceptual mais alargado, entretanto referido.

Anexo ao portal de entrada, o átrio principal contacta directamente com as áreas destinadas ao livre acesso, ao uso comum e aos espaços de convivalidade, como a cafetaria, a esplanada, o auditório principal e a recepção da biblioteca. Aquele ponto de distribuição, também confina com um dos pátios interiores, de onde se apercebem, de imediato, dois auditórios e os diversos pisos em que se desenvolve a construção. A ele adossado, junto ao paramento curvo, desenvolve-se um pátio exterior de forma triangular, delimitado por duas galerias convergentes, e que acolhe uma estrutura metálica de grande transparência, servindo simultaneamente de quebra-luz e de bancada destinada a espectáculos de ar livre. Estranhamente, este equipamento – confinado por elementos arquitectónicos constituídos por fachadas equivalentes às demais, mas que configuram cenários – praticamente nunca foi utilizado, apesar das excelentes condições ambientais de que dispõe (Imagem 10).



10.
Estudo para a escada helicoidal da biblioteca



11.
Lanternim do saguão da biblioteca

8. A biblioteca

Considerada pela instituição, à data da realização do projecto, como o repositório por excelência de um vasto acervo de conhecimento, a biblioteca veio, por isso, a ficar situada num ponto estratégico relativamente ao edifício e à envolvente externa. Distribuída por diversos pisos, a sua forma não escapa à influência literária de Humberto Eco e Jorge Luís Borges (Imagem 11). Embora faça parte dos espaços de uso condicionado, confina com outros de livre acesso, distribuídos em torno da área de acolhimento, podendo no seu conjunto constituir uma forma de apoio explícito à comunidade exterior, sem perturbar o funcionamento dos restantes sectores do edifício.

Perante o auxílio que pode disponibilizar, situaram-se nas suas imediações o auditório principal e o Centro de Recursos Educacionais. Este último, inexplicavelmente, jamais foi objecto do uso previsto.

O conjunto das áreas programáticas da biblioteca, com excepção dos serviços técnicos, dispõe-se em torno de um saguão central, onde se desenvolve uma extensa escada helicoidal, simbolizando a profundidade e o infinito alcance do conhecimento. Já os vãos, abrindo sobre a encosta modelada pela linha do talvegue apontado ao rio, convidam à contemplação serena e reflexiva, proporcionada por uma paisagem de rara beleza. Encimada por uma imensa entrada de luz tripartida, é recoberta por um terraço acessível, de onde se usufrui aquela



12.
Vista da Faculdade de
Letras e sua integração
na paisagem

mesma panorâmica, em condições de grande atractividade que, até agora, foram praticamente ignoradas (Imagem 12).

9. Outros espaços e seus atributos

Através de duas amplas escadas de segurança alcançam-se os pisos superiores, onde se encontram os espaços lectivos, ladeados por um extenso corredor, que é rematado no topo por um tramo curvo, cuja expressão é bem mais acentuada no último andar, ocupado pelos espaços laboratoriais. O efeito de surpresa e de descontinuidade são atributos destes acessos de prevalência horizontal, que nos extremos interligam com as galerias exteriores e sucessivos pátios, cobertos ou ao ar livre. Nos primeiros, a fenestração das paredes interiores replica as restantes fachadas do edifício, contribuindo para a ambiguidade da definição espacial das três pequenas praças cobertas, que apelam ao encontro, à comunicação e ao debate dos resultados da produção intelectual gerada em ambiente académico.

A fusão entre os processos de modelação arquitectónica e a oferta de condições de sociabilidade e comunicabilidade presencial estão presentes em inúmeros locais do edifício, factores hoje em dia muito valorizados, devido ao tendencial isolamento físico gerado pelas tecnologias informáticas, que não podemos dispensar. Pode-se anotar que a importância daquela abordagem se tem, aliás, enfatizado ao longo dos tempos, uma vez que as relações entre o Homem e os espaços de convivialidade constituem uma constante da sua existência.

Tido como o centro nevrálgico, norteador da actividade da instituição, os espaços afectos à Direcção ocupam parte de um piso, que assenta sobre a cafetaria, em contacto visual com a biblioteca e em ligação directa com o terraço que a recobre. Aquele sector interliga com uma área de convívio exclusiva ao corpo docente que se encontra apoiado por uma ampla galeria abobadada, cujas características se aproximam às de uns “espaços perdidos”, francamente iluminados pela luz natural, e que apelam a um uso informal e ao relaxe, em quaisquer condições climáticas.

10. Adaptabilidade

Mais uma vez, a oferta de espaços proporcionada vai ao encontro da variabilidade do tempo de permanência dos utilizadores na Faculdade. Verifica-se, hoje em dia, uma tendência para uma menor presença dos alunos, devido à redução dos tempos “magistrais” e um pendor para uma estadia mais prolongada dos docentes em investigação e apoio tutorial, como já vinha ocorrendo noutros países à data do início dos estudos e projectos. Isto, porque os parâmetros que foram inicialmente definidos no Programa, quanto à distribuição do corpo docente, encontram-se hoje em evolução.

Para fazer face a eventuais mudanças, foram previstas (designadamente no sector lectivo), conforme recomendações de centros de pesquisa sobre espaços destinados ao ensino superior, condições de flexibilidade construtiva que permitem reposicionar divisórias e, assim, redimensionar as salas para corresponder a novas solicitações ou condicionalismos.

Finalmente, as instalações de apoio técnico e logístico ficaram localizadas ao nível da Rua da Pena, a partir da qual se faz o acesso através de um pátio exterior, com que confinam em grande parte.

11. Transformações

Perante a implementação global do Pólo 3 – bastante díspar dos objectivos iniciais, onde os equipamentos de apoio logístico seriam de uso comum – foi necessário encontrar respostas pontuais para cada uma das instituições, o que se repercutiu na necessidade de reordenar os espaços situados a nascente da Faculdade. Em tais circunstâncias, tornou-se inevitável estabelecer ligações com a malha urbana que se estende desde a Rua da Pena até à Praça da Galiza. Embora de modo comprometido, por todas as constricções entretanto constituídas, não seria possível implantar ali os equipamentos necessários.

Naquele espaço residual, inicialmente previsto como área de ampliação do edifício, foi implantado um complexo edificado que alberga um parque de estacionamento coberto, uma cantina, uma cafeteria e uma residência para estudantes.

O conjunto de infraestruturas necessárias à utilização das novas instalações, que se apoiam nos velhos arruamentos da Pena (rua, travessa e rampa), articuladas com a servidão disposta ao longo da fachada norte da Faculdade, permitiu estabelecer uma malha de vias de secção reduzida, em regime de acesso condicionado. No entanto, e apesar das condições de inserção na estrutura viária, a nascente do Polo3, não serem as mais favoráveis, ficou em aberto a possibilidade de futuramente vir a ocorrer uma melhor integração no restante tecido urbano.